

CLUBE DE LEITURAS NEGRAS E A FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO SUPERIOR

Máira Lopes dos Reis*

 <https://orcid.org/0000-0003-2431-7101>

Como citar este artigo: REIS, M. L. dos. Clube de leituras negras e a formação de leitores no ensino superior. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 1-13, set./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETDO17325>.

Submissão: 1º de agosto de 2024. **Aceite:** 9 de outubro de 2024.

Resumo: Este artigo discute a formação de um clube de leitura e a produção de práticas de leituras no ensino superior a partir das referências de literaturas insurgentes e de escritas baseadas em escrevivências, que expressam movimentos da vida cotidiana dos sujeitos. Assim, apresenta-se a experiência do projeto de extensão Clube de Leitura Escrevivências Negras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como uma prática potente de constituição leitora.

Palavras-chave: Literatura. Clube de Leitura. Escrevivências. Ensino superior. Constituição leitora.

A ESCRITA DA VIDA E A VIDA NA ESCRITA

Talvez o primeiro sinal gráfico, que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta (Evaristo, 2007, p. 16).

* Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Amargosa, BA, Brasil. E-mail: mairalopes@ufrb.edu.br



Este artigo está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional

Essa narrativa da escritora Conceição Evaristo apresenta, em suas memórias, a relação com a escrita, que está diretamente relacionada a momentos simples, vividos no seu cotidiano. Para as mulheres negras, o ato da escrita possui uma significação particular. Apoderar-se desses instrumentos representa um ato de resistência aos sistemas de dominação e exploração impostos e, especialmente, aos que detêm o poder em uma sociedade. Para essas mulheres, em seu caráter de reverter potências, escrever permitiu a agência de inscrição de gestos discursivos que, produzidos dentro de uma nova semântica, marcada pela afrodescendência, geram novos enunciados para seus corpos.

Tomando como referência essa escrita pautada em escrevivências dos sujeitos, este artigo apresenta como a formação de clubes de leituras contribui para o aperfeiçoamento das práticas de leitura e produção de textos no ensino superior, a partir da experiência do projeto de extensão Clube de Leitura Escrevivências Negras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Além disso, apresentamos uma breve discussão sobre a literatura como uma forma de representação dos múltiplos grupos sociais, historicamente marginalizados, que têm reivindicado seus lugares de fala, e, por fim, o Clube de Leitura como espaço de compartilhamento dessas leituras e produção de narrativas literárias que traduzem as vivências dos sujeitos, sendo um espaço de formação leitora no ensino superior.

Nesse movimento da escrita da vida e da vida na escrita, apresentamos como surgiu esse projeto de extensão para formação de leitores, em que estudantes das licenciaturas da UFRB pudessem, coletivamente, realizar trocas de escrevivências, leituras e narrativas que falassem dos povos negros e campesinos, que partilhassem escritas insurgentes e contemporâneas de mulheres negras, quilombolas e indígenas, de modo que, a partir da literatura e de memórias ancestrais, pudessem ter um espaço de escuta, acolhimento e aproximações das próprias vidas com as narrativas literárias.

O projeto de extensão Clube de Leitura Escrevivências Negras é uma ação que acontece no Centro de Formação de Professores (CFP), situado na cidade de Amargosa, pertencente ao Território de Identidade do Vale do Jiquiriçá, na Bahia. O *campus* é um espaço da UFRB¹ responsável pela formação inicial e continuada para todos/as aqueles/as que desejam se tornar professores/as. O objetivo do clube é convidar os leitores a se inserir nas narrativas de obras literárias que têm como moldura conhecimentos acerca da diversidade sociocultural dos povos negros no Brasil a partir de ações culturais, artísticas, literárias e políticas na perspectiva das relações étnico-raciais.

O Clube de Leitura, além de promover o exercício da leitura coletiva de obras que retratem experiências negras, é também um espaço para a formação do senso crítico e da cidadania dos sujeitos, visando sensibilizar as comunidades externa e acadêmica ao desenvolvimento da compreensão leitora de obras literárias e de demais gêneros textuais, associados a práticas culturais. Assim, por meio da organização de um clube de leitura, podem-se ampliar as práticas que

1 A UFRB foi criada pela Lei nº 11.151 e inaugurada em 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A universidade possui natureza jurídica de autarquia. Encontra-se vinculada ao Ministério da Educação e tem sua administração central localizada no município de Cruz das Almas, na Bahia, com *campi* nos municípios baianos de Amargosa, Cachoeira, Feira de Santana, Santo Amaro e Santo Antônio de Jesus.

promovem o acesso à leitura, contribuindo para a formação de leitores autônomos e conscientes.

A ideia central do Clube de Leitura é a utilização de diversas ferramentas que podem corroborar a construção de um projeto educacional comprometido em conscientizar a comunidade do CFP da UFRB e também a comunidade externa do município de Amargosa e seu entorno da importância de debater e promover ações de acolhimento, integração e promoção da equidade racial, visando se tornar, efetivamente, uma instituição antirracista, que busca promover a reflexão sobre as diversas lógicas de opressão que acometem cotidianamente a população negra, que manifesta em suas diversas formas, estrutural, institucional e pessoal o desenvolvimento da compreensão leitora a partir de obras literárias e demais gêneros textuais e práticas culturais.

LITERATURA E INSURGÊNCIAS

Mais do que nunca a literatura tem sido contestada. Muito além de estilos ou de escolher repertórios literários, o que se tem colocado é a possibilidade de diferentes grupos sociais falarem sobre si e sobre o mundo, de se fazerem visíveis dentro deles. Alguns críticos literários afirmam que o ato da escrita em seus primórdios era restrito a poucos. Fora inventado para garantir direitos de propriedades e privilégios políticos, culturais e econômicos.

A literatura e a produção literária se apresentam como instâncias refletoras de transformações sociais e históricas, e podem ser compreendidas como ferramentas concretas de apreender o mundo. No processo de leitura que se coloca, estão postas as condições de interpretar as sociedades em que cada texto ou série literária estão inseridos, permitindo a expansão de fronteiras já conhecidas (Candido, 2011).

O vínculo que se forma entre literatura e sociedade, por meio das narrativas, expressa relações sociais por meio da invenção de personagens, de um espaço e de uma linguagem que surgem da imaginação. Para Barcelos (2009), a leitura tem a capacidade de aproximar pessoas, sendo ela uma atividade social. No ato de ler, partilhamos vivências, além de proporcionarmos o desenvolvimento da sensibilidade. É fundamental que se relate a leitura à educação não apenas como técnica, mas, sim, como um território de produção de conhecimento, com uma leitura que toque as subjetividades dos sujeitos.

A Literatura nos faz diferentes. Faz com que possamos perceber o mundo e o que nele está incluído de forma mais crítica e criativa. A leitura, nesse sentido, abre espaços de interrogação, pois nos permite (re)visitar nosso mundo interior ou mundos inteiros. Descobre novo(s) mundo(s). Além disso, a literatura não apenas ilustra, decora, ornamenta. Ela constitui, inventa, possibilita a criação de sensibilidades (Barcelos, 2009, p. 535).

A literatura tem essa capacidade de esposar os ângulos mais variados. A realidade aparece vista não apenas pelo oprimido, mas também pelo opressor e pela sua eficácia em criar imaginários e atuar na sociedade. Tem a força de reconstituir a vida cotidiana, desvelar contradições e divergências presentes nas relações sociais e suas representações. Sendo assim, a literatura pode ser vista como um olhar da realidade histórica e social por meio da arte. Isso não significa que seja uma simples cópia ou mesmo um espelhamento estanque ou

documental da realidade, pois, se assim o fosse, o leitor não alcançaria por meio dela novidades em termos de visão de mundo.

A compreensão da literatura como forma de representação obriga-nos a refletir sobre questões controvertidas nos estudos literários: “Qual lugar cabe ao autor?”, “Por quem ele fala?”, “Em nome de quem?”. Regina Dalcastagnè (2012), ao refletir sobre a escrita como lugar do outro, evidencia como na literatura tem emergido o debate sobre o acesso a vozes e às representações de grupos sociais que, historicamente, foram, de forma intencional, negligenciadas por uma norma hegemônica universal.

O silenciamento desses grupos, por vezes, é causado por vozes que sobressaem às deles ou que querem falar por e em nome deles. No entanto, na busca por uma escrita literária que incorpore a dimensão pessoal e subjetiva dos sujeitos, pois todos os indivíduos se apresentam no mundo a partir de um tempo e território específicos, de uma história e realidade específicas, os grupos considerados marginalizados têm construído uma nova linguagem recortada pelas suas experiências, emoções e subjetividade, como discursos políticos ou textos poéticos, partindo de suas diversas realidades, desvelando e denunciando as opressões (Reis, 2022). Esse movimento rompe com o silenciamento e acaba por trazer, segundo Dalcastagnè (2012, p. 21), tensões entre

A “autenticidade” do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística.

Para Reis (2022), a abertura da literatura para a diferença e para a pluralidade permite a hibridez entre o estético e o político. O fazer literário pode ser colocado na contramão da cultura dominante e passar a evidenciar escritos de grupos ideologicamente excluídos, rompendo com o prisma do sujeito universal, voltando sua atenção para a resistência que cerca as representações excluídas. Pensar a representatividade é pautar as diversas concepções de mundo, e, para que isso ocorra, torna-se fundante saber o lugar de enunciação dos sujeitos para compreendermos realidades que foram tratadas implicitamente dentro da ordem universal.

Ainda segundo Reis (2022), quando se reivindica o lugar de fala, não se refere apenas às experiências individuais, mas às condições sociais que permitem que grupos possam acessar espaços de cidadania, o direito de existir, de ecoar a voz, mas também o reconhecimento de falar com autoridade.

Na literatura, sobretudo no Brasil, há uma ausência de vozes subalternas de camadas populares, tanto na produção literária quanto na construção ficcional de personagens, que, por vezes, são elaborados com uma carga significativa de estereótipos pejorativos. Um exemplo disso são as mulheres negras. Conceição Evaristo, por meio da *escre(vivência)* das mulheres negras, explicita as aventuras de quem conhece uma dupla condição que a sociedade insiste em inferiorizar, a de mulher e negra. Ela denuncia que a mulher negra não aparece na literatura como musa ou heroína romântica. Sua imagem ainda é ancorada pelo passado escravo, de “corpo-procriação e/ou corpo objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado pelas mulheres brancas em geral” (Evaristo, 2005, p. 202). Esses estereótipos racistas contribuem para a cultura da violência contra as mulheres negras.

Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se comprehende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas (Machado; Soares, 2017, p. 206).

As narrativas literárias insurgentes trazem as *escrevivências* de histórias de sujeitos individuais, carregam vivências compartilhadas por um grupo social, e, assim, as obras ficcionais literárias se confundem com as histórias de pessoas reais e criações do cotidiano em que os leitores se enxergam nos enredos.

Além disso, o debate do lugar de fala na literatura reivindica a democratização da produção literária, associada à construção de uma sociedade menos desigual, pois a expropriação e privação da materialidade e das condições objetivas de existência nega aos sujeitos a possibilidade de escrever sobre si e o universo em que se inscrevem. Para Anzaldúa (2000), a escrita pode nos salvar do medo, mantendo nossos espíritos de revolta vivos contra todas as injustiças do mundo. Pela escrita, pode-se criar um mundo que compensa o que a realidade não nos dá. É uma maneira de registrar vozes silenciadas, de transpor nossas subjetividades.

Canclini (2005) assegura que se posicionar, a partir do lugar de fala, é retornar ao espaço geopolítico e cultural da emancipação, de modo que se coloquem os pontos de coalização divergentes e convergentes da multiculturalidade. Adotar a perspectiva dos oprimidos pode contribuir para a elaboração de hipóteses ou epistemologias que ponham em questionamento saberes dominantes, e, assim, visibilizar produções negadas pelo conhecimento hegemônico.

O papel dos críticos e produtores da literatura não é ser a voz dos sujeitos que foram excluídos e subalternizados. Sua ação produtiva deve partir da vivência e experimentação dos territórios nos quais surgem os conflitos e contradições da vida cotidiana. É fundamental que o autor/escritor realize o movimento de se deslocar para as zonas de intersecção, nos lugares onde os sujeitos se constroem, de modo que possa compreender como as estruturas e os marcadores sociais recortam corpos e sujeitos [...]. Nessa abertura, as escritas insurgentes e contemporâneas de camponeses, quilombolas e mulheres negras (entre outros) ganham espaço, revelando sujeitos periféricos que utilizam de suas memórias como ferramenta de enfrentamento às dominações e desigualdades que estruturam as relações sociais, denunciando as conexões entre os marcadores de gênero, raça e classe em uma perspectiva de interseccionalidade (Reis, 2022, p. 21-22).

O foco na interligação entre raça, gênero e opressão de classe é um tema que deve ser pautado nos estudos literários, pois a realidade dos sujeitos não pode ser compreendida sem dar atenção à natureza interligada das estruturas de opressões que limitam suas vidas. As experiências sugerem que possibilidades de ativismo existem dentro dessas estruturas múltiplas de dominação. Pautar a natureza das opressões é urgente, porque implica pensar outras perspectivas de alternativa humanista para a organização da sociedade.

Assim, para a elaboração de um projeto literário emancipatório, é necessário romper com os pressupostos iluministas quanto à relação entre objetividade,

neutralidade e conhecimento científico. Requer uma teoria crítica cultural sobre o conhecimento que autorize e fundamente esse saber que se quer politizado, além de incluir os lugares de fala nas teorias nas quais eram invisíveis até então e legitimá-las como objeto de investigação e agentes do conhecimento.

Devemos usar a força da razão e da vontade, modeladas pelas lutas políticas, reunindo o que está posto sobre nossos olhos na vida e na história, e, assim, elaborar uma imagem conceitual clara, que pode se utilizar de um discurso aqui, outro ali, revendo constantemente os nossos esquemas teóricos e continuando a desvelar outros androcentrismos nos conceitos e nas categorias utilizados nesse caminho, compreendendo e aceitando a instabilidade das categorias conceituais, buscando nelas uma reflexão sobre determinados aspectos da realidade política em que se vive, usando as próprias instabilidades como recurso do pensamento.

A análise de qualquer conhecimento deve se fazer a partir desses eixos de marcação social que constituem os sujeitos, “pois o método científico por si só não assegura uma interpretação da realidade livre de fatores sociais e culturais” (Cardoso, 2012, p. 72). Os estudos culturais e literários têm sido pressionados a inovar na maneira como trabalham com as multiplicidades temporais, excluindo a ideia de linha evolutiva inerente aos processos históricos e locais. Porém, somente nos últimos anos esses estudos passaram a compor as perspectivas das mulheres negras e sujeitos que estão localizados nas fraturas e margens da produção do conhecimento. Por muito tempo, seguimos referências eurocêntricas. Com a insurgência teórica e a reivindicação do lugar de fala, a partir da emergência dos debates interseccionais e do giro decolonial, temos o desafio de incorporar na literatura novas práticas políticas e teóricas que dispensam intermediários, pois diversos sujeitos contemporâneos reivindicam seus lugares de enunciação, reconstruindo novos territórios epistêmicos que rejeitam teorias eurocêntricas e a colonialidade de poderes e saberes.

A EXPERIÊNCIA DO CLUBE DE LEITURA: ESCREVIVÊNCIAS NEGRAS NA UFRB

A construção da UFRB tem como fundamento o território do Recôncavo e as diversas vivências e modos de vida locais engajados por diferentes sujeitos sociais. Ainda que haja disputas de poder e influência eurocêntrica nos currículos da grande maioria dos cursos, emerge, nessa universidade, um movimento de-colonial de educação que preserva e valoriza os pensamentos e as práticas das comunidades rurais, tradicionais, dos povos originários, africanos, povos de terreiro, de modo que os saberes provenientes desses povos têm cada vez mais se tornado referência epistêmica nos processos educacionais e nas pesquisas empíricas.

Um dos maiores impactos que a UFRB exerce como uma instituição comprometida com a justiça social e o desenvolvimento territorial é o de emancipação epistêmica a partir da coexistência de saberes acadêmicos e populares, por meio dos movimentos sociais, sempre dentro de uma dinâmica que coloca em xeque as assimetrias da geopolítica do conhecimento, elaborando “um conjunto de práticas e discursos que desconstroem a narrativa colonial como foi escrita pelo colonizador, e tenta substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado” (Santos, 2002, p. 26).

Tendo em vista o seu processo de implantação e o contexto político e histórico, pode-se afirmar que essa universidade conquistou um lugar de referência na adoção de ações afirmativas para o ingresso e a formação de estudantes de escolas públicas, pobres, negros, camponeses e indígenas. Ao trazer o debate sobre o racismo, o sexism, a inclusão e a diversidade em seu projeto de universidade, a UFRB se compromete com a superação das desigualdades sociais por meio da educação, o que lhe confere o título de universidade mais negra e popular do Brasil. Nesse sentido, pode-se afirmar que a experiência de educação realizada na UFRB se aproxima da decolonialidade, por ser emancipadora e estabelecer diálogo com os saberes historicamente silenciados, provenientes das experiências dos povos subalternizados pelos processos de colonização no Brasil e sobretudo na região do Recôncavo.

Com o intuito de fortalecer práticas decoloniais e novas formas de construir conhecimento, bem como de despertar outros olhares analíticos sobre a realidade social, criamos no CFP o projeto de extensão Clube de Leitura como espaço formativo para estabelecer diálogos por meio da arte, da literatura e da cultura popular, com o objetivo de construir saberes pedagógicos para a formação integral dos discentes e da comunidade negra e rural do município de Amargosa. A metodologia da ação desse projeto consiste em reunir um grupo de pessoas, com encontros mensais para a leitura de uma obra literária ou mesmo de livros que remetem aos debates referentes às questões raciais e práticas educativas antirracistas. A cada encontro do clube, o grupo debate e compartilha suas impressões acerca da leitura realizada.

O Clube de Leitura também foi criado para aperfeiçoar a leitura e a escrita dos discentes, pois, diante do processo de democratização e de interiorização do ensino superior no Brasil por meio de programas, como o Universidade para Todos (ProUni), o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), o Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), permitiu um expressivo ingresso de pessoas nas universidades. No entanto, muitos estudantes apresentam dificuldades no processo de leitura e escrita de textos acadêmicos. O ideal é que os ingressantes do ensino superior cheguem preparados para as demandas de letramento que essa esfera educacional exige, mas as desigualdades sociais do país e a precariedade da educação básica, entre outros indicadores, impedem que os sujeitos cheguem prontos para elaborações de textos e leituras acadêmicos (Zavala, 2010).

Enquanto no passado as universidades estavam reservadas para uma determinada elite que acessou processos de escolarização que davam uma base qualificada, o que se percebe na atualidade, com a massificação do acesso às universidades, é o surgimento de novas formas de produzir, escrever e pensar que são postas em conflito com as formas tradicionais, haja vista a marcante reivindicação da democratização da produção dos saberes.

O Clube de Leitura é um espaço para encontros e momentos de partilhas, processos criativos, lúdicos e artísticos. Desperta a capacidade inventiva dos participantes a partir da experiência literária e de outras expressões artísticas, como música e recital de poemas, ações de leituras e escritas por autores e autoras conhecidos(as), bem como escritas pelos(as) próprios(as) estudantes e participantes do clube em geral. Tem sido uma ação próspera para expressão livre de opiniões e reflexões sobre o próprio ato de ler e escrever: um espaço de viver

e tecer histórias. Podemos dizer que funciona como um apoio para a oferta de um ambiente democrático, tendo em vista que promove um encontro autêntico entre o leitor e a leitura literária e a ação política de conscientização e letramento racial.

A ideia de formar um Clube de Leitura surgiu da iniciativa de docentes do curso de Letras e do curso da licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Ciências Agrárias, do CFP em 2020, no contexto da pandemia, ocasionada pela Covid-19, doença infecciosa causada pelo vírus Sars-CoV-2 que apresentou um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves, impondo-nos um isolamento em grande escala, o que ocasionou a suspensão das aulas na UFRB.

Naquele momento, a pandemia da Covid-19 impactou não apenas a saúde pública, mas também o estado emocional de docentes e discentes. Como meio de fugir desse isolamento, recorremos à literatura como recurso pedagógico e afetivo para compartilhar experiências de leituras.

O projeto de extensão foi iniciado em 2020, de forma remota, no contexto da pandemia, destinado, *a priori*, a atender apenas os discentes da licenciatura em Educação do Campo. No decorrer dos dois anos em que o projeto ocorreu, entretanto, participaram da proposta não apenas os discentes do curso, mas também as demais licenciaturas do CFP, a comunidade externa de professores e estudantes da rede básica de ensino, além dos amantes da literatura de uma forma geral.

O público externo à UFRB, durante o processo de constituição do clube, relatou o desejo de se debruçar sobre as leituras de romances e obras literárias, bem como o fato de a literatura de ficção passar a ser um refúgio para acalantar as angústias causadas pelo isolamento social. A partir de então, o Clube de Leitura do Campo se estabeleceu e fortaleceu a prática da leitura e escrita por meio da literatura, contribuindo para a formação dos discentes da UFRB e do ensino básico.

A primeira edição do projeto foi nomeada por nós de Clube de Leitura do Campo, e, para iniciarmos as atividades, escolhemos o livro *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior (2019), geógrafo e escritor brasileiro e baiano. Com *Torto arado*, o autor ganhou vários prêmios: LeYa em 2018, Jabuti em 2020 e Oceanos de Literatura em Língua Portuguesa em 2020. Para além do reconhecimento da crítica e de todas essas premiações, a seleção da obra para início das atividades do clube justificou-se pelo fato de o livro apresentar uma narrativa a respeito da questão agrária brasileira, sobretudo do ponto de vista do Nordeste e do sertão da Bahia. A segunda obra selecionada para leitura foi o livro *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus (2016), que se tornou conhecida no cenário nacional e internacional pela obra *Quarto de despejo: diário de uma favela*.

Uma das dificuldades observadas foi que os participantes não se preparavam para a leitura do livro antes de virem aos encontros. Diante disso, passamos a fazer leituras coletivas das obras durante os encontros, o que se tornou uma prática muito profícua e permanente na metodologia do Clube de Leitura.

Por sugestão dos participantes do projeto, no ano de 2021, a terceira obra lida foi o livro de contos *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo (2015). O trabalho do clube com essa obra consistiu em ler um conto a cada mês. Assim, tivemos um convidado para a mediação e o debate em cada encontro. Ao todo, realizamos 15 encontros, sendo 12 de forma remota e os três últimos de forma presencial, em 2022.

Após o encerramento dessa edição do Clube de Leitura do Campo, propusemos, em 2023, o Clube de Leitura Escrevências Negras. A ideia central dessa segunda edição foi utilizar diversas ferramentas que pudessem corroborar a construção de projeto educacional comprometido em conscientizar a comunidade do CFP da UFRB, e também a comunidade externa do município de Amargosa e seu entorno, a respeito da importância de debater e promover ações de acolhimento, integração e promoção da igualdade racial, visando se tornar, efetivamente, uma instituição antirracista.

O clube representou um espaço para a reflexão sobre as diversas lógicas de opressão que acometem cotidianamente a população negra, incluindo a lógica perversa do racismo, que se manifesta em suas diversas formas – estrutural, institucional e pessoal. O Clube de Leitura tem como principal característica realizar um trabalho de cunho acadêmico e social. Seu objetivo é debater aspectos referentes às questões raciais, de gênero, culturais e modos de vida dos povos negros no Brasil.

A proposição do Clube de Leitura Escrevências Negras passou a debruçar-se nos debates sobre questões raciais, tanto para os discentes desse *campus* quanto para os diversos sujeitos que se interessem e se dediquem a empreender ações que considerem perspectivas e propostas para a melhoria das relações étnico-raciais e igualdade racial na sociedade, sobretudo na educação. Mesmo que as universidades brasileiras adotem políticas de ações afirmativas de acesso ao povo negro, pautando o conhecimento das comunidades tradicionais negras e campesinas, denunciando o racismo e o sexism que operam nas relações estruturais e infrapolíticas, existem barreiras que precisam ser superadas para produção de mudanças epistemológicas que valorizem a diversidade étnico-racial.

A universidade do século XXI no Brasil, caracterizada pela entrada de uma diversidade de sujeitos que historicamente ficaram fora dela – negros e negras, quilombolas, camponeses, indígenas –, precisa criar mecanismos para fazer circular nela, também, os conhecimentos diversos produzidos pela história e cultura desses sujeitos. A universidade brasileira nunca produziu tanto sobre desigualdades sociais. Com a chegada desses sujeitos sociais concretos, outros saberes foram postos, outras formas de construir conhecimentos são elaboradas a partir da dimensão de outros corpos, que colocam suas experiências e seus modos de vida em pauta.

Nilma Lino Gomes (2017, p. 114) aponta que as políticas de ação afirmativa integraram “os saberes estético-corpóreos que os movimentos negros constituíram nos últimos anos”, pois as juventudes negras que adentram nas instituições de ensino superior a partir dessas políticas são “sujeitos sociais concretos com outros saberes, outra forma de construir o conhecimento acadêmico e com outra trajetória de vida bem diferente do tipo ideal de estudante universitário hegemônico e idealizado em nosso país”. Dessa forma, essas políticas tornam-se ações de questionamento das estruturas reguladoras, discriminatórias, racistas e/ou coloniais das universidades brasileiras.

Gomes (2003), para reforçar o entendimento de que a identidade negra é uma construção social, histórica, cultural e plural, trata da construção de um ponto de vista de um grupo étnico-racial ou de indivíduos que integram um mesmo grupo étnico-racial sobre si mesmo, por meio da relação com o outro. É um processo gradativo que envolve muitas questões, causas e efeitos. A identidade negra se forma em vários espaços institucionais. Para muitos estudantes da

UFRB, suas identidades raciais se constituíram durante a trajetória escolar no ensino superior.

A afirmação de uma identidade negra envolve discursos fundamentados na vivência concreta da realidade para fomentar ações como o Clube de Leitura, que focalizem cultura, práticas culturais e debates raciais, que auxiliam a comunidade do CFP no processo de reconstrução ou mesmo afirmação da identidade negra, partindo de reflexões sobre a cultura e seu lugar de origem. Arte, cultura e literatura são caminhos profícuos para essa construção.

Durante a ação do projeto Clube de Leitura Escrevivências Negras, discutiram-se inicialmente duas obras literárias: *Cartas para a minha mãe*, da escritora cubana Teresa Cárdenas (2010), e *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo (2022). A última obra lida foi *A terra dá, a terra quer*, uma homenagem ao grande Antônio Bispo dos Santos (2023), ou Mestre Nêgo Bispo, em virtude de sua morte em 3 de dezembro de 2023. Nêgo Bispo foi um intelectual quilombola que defendia o olhar sobre a ciência a partir das epistemologias e de outras cosmovisões, combatendo o pensamento eurocentrado e colonialista. No encontro em que debatemos essa obra, recebemos professores quilombolas que participaram do clube nesse dia. Foi uma experiência de trocas literárias com a realidade dos sujeitos presentes e que dialogavam com os pensamentos trazidos pelo autor.

Nos encontros realizados, essas três literaturas que abordam as escrevivências de mulheres negras e também modos de vida de comunidades negras e quilombolas foram dispositivos deflagradores de saberes, por meio dos quais os participantes trouxeram suas experiências de vida e de formação à medida que iam se identificando com as histórias narradas. Constatou-se, a partir do intenso envolvimento e participação dos estudantes e de pessoas da comunidade local, que o Clube de Leitura é uma estratégia com grande potencial de produzir saberes a partir da cultura, pois, em todas as edições, temos observado que se abriu um espaço para envolver leitores/as a se inserir nas narrativas de obras literárias que têm como moldura as relações raciais, o aprofundamento na literatura negra, a valorização da negritude e a própria identidade racial.

Além dos encontros para leituras das obras, realizamos atividades de conversas sobre livros escolhidos para a interação dos membros do clube, permitindo a divulgação de leituras por meio de vídeos em mídia social, revelando as diferentes experiências que uma mesma leitura pode provocar nos leitores, oportunizando um amplo debate sobre os temas trabalhados nos encontros.

Também realizamos rodas de conversa sobre temas geradores a partir da reflexão que os livros e os contos proporcionaram. A cada encontro, havia um momento do sarau, aliando cultura, arte e música para ampliar a diversidade cultural negra. Também ofertamos oficinas de escritas narrativas e produções literárias, que visavam proporcionar aos leitores a experiência de escrever suas próprias histórias. Essa ação objetivou estimular o ato de escrever e socializar os escritos produzidos. Ao longo do projeto, foram construídas três oficinas de escrita de narrativas, em que os participantes expressaram as suas escrevivências e experiências raciais por meio de poemas, cartas autobiográficas e memoriais.

Todas essas ações culminaram em um evento intitulado *I Caruru de Saberes*, realizado em setembro de 2023, no CFP. Tal evento uniu as experiências de vidas negras por meio da literatura e da culinária dos afetos, justamente no

tempo de festejar os *Ibejis*². A realização dessa atividade foi construída em parceria com o programa de extensão Cozinha dos Afetos para Universitárias Negras (CAFUNÉ). Esse programa se apropria da cozinha para agregar sujeitos que se interessem pela promoção da equidade racial, como um espaço de circulação de afetos, a partir de práticas e conhecimentos afrodiáspóricos (Souza, 2024).

Por se tratar de um Clube de Leitura que aborda experiências de vidas negras, dentro do projeto de extensão, era necessário haver momentos de escutas orais narradas pelos mais velhos/as das comunidades negras da região. Nesse evento, trouxemos as cantigas de roda, os contos populares, a capoeira, os representantes de religiões de matrizes africanas, os “causos” da medicina caseira e tantos outros costumes antigos que possibilitam o resgate cultural das narrativas das populações negras.

Ao longo de quatro anos de funcionamento do Clube de Leitura, que, atualmente, denominamos Escrevivências Negras, constatamos que é uma ação que envolve leitores a se inserir nas narrativas de obras literárias que têm como moldura as relações raciais. Todos os encontros despertaram a capacidade inventiva dos participantes a partir da experiência literária e de outras expressões artísticas que envolvem vivências com música e poemas. Além disso, a comunidade externa passou a se debruçar sobre as leituras de romances e obras literárias, e estamos ampliando o projeto para as comunidades rurais do município, por solicitação de órgãos públicos e movimentos sociais locais. Desse modo, o Clube de Leitura Escrevivências Negras tem se estabelecido e fortalece a prática da leitura e escrita por meio da literatura dos diversos sujeitos, dentro e fora da universidade, sendo também um meio de filiação universitária dos estudantes ingressantes e ponte para a entrada no ensino superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda essa experiência confirma as ideias do escritor Antonio Cândido (2011). A literatura é um direito humano, portanto, o sonho acordado das civilizações, sendo ela o fator indispensável de humanização, inclusive por atuar no subconsciente e inconsciente dos sujeitos. Cada sociedade cria as suas manifestações, ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus sentimentos e impulsos, suas crenças e normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles.

Ainda segundo o autor, a literatura tem sido uma ferramenta poderosa na educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como dispositivo intelectual e afetivo. Os valores sociais postos estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática: “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (Cândido, 2011, p. 177). Assim, o trabalho com obras literárias e escritas negras é uma forma de nos humanizar, entendendo que não é possível tornar-se humano em sentido pleno sem o acesso à literatura.

² Referência à Festa de Cosme e Damião, celebrada no dia 26 de setembro, e à Festa de Ibeji, no dia 27 do mesmo período. Nessas festas de cunho religioso, há a distribuição de doces às crianças e oferta do caruru ao orixá ou aos santos.

BLACK READERS CLUB AND READER TRAINING IN UNIVERSITY EDUCATION

Abstract: This article discusses the formation of a reading club and the production of reading practices in university education, based on references from insurgent literature, and writings based on writing, which express movements in the subjects' daily lives. Thus, the experience of the Black Writing Reading Club extension project at the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB) is presented, as a powerful practice of reader constitution.

Keywords: Literature. Reading Club. Writings. University education. Reader constitution.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- BARCELOS, V. Literatura, intercultura e formação docente: um entre-lugar a ser visitado. *Educação*, Santa Maria, v. 34, n. 3, p. 529-542, set./dez. 2009.
- CANCLINI, N. G. Quem fala e em qual lugar. In: CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Tradução Luís Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. p. 183-208.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- CÁRDENAS, T. *Cartas para a minha mãe*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- CARDOSO, C. P. *Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- DALCASTAGNÈ, R. O lugar da fala. In: DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território conquistado*. Vinhedo: Horizonte, 2012. p. 17-48.
- EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. de B.; SCHNEIDER, L. (org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Editora Universitária, 2005. p. 201-212.
- EVARISTO, C. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.
- EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2015.
- EVARISTO, C. *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.
- GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.
- GOMES, N. L. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- JESUS, C. M. de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi, 2016.

- MACHADO, P. S.; SOARES, L. V. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em psicologia social. *Psicologia Política*, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, maio/ago. 2017.
- REIS, R. P. Literatura e memória do Brasil rural. In: REIS, R. P. *As cores e o sangue: memórias e resistência no Brasil rural*. Feira de Santana: Zarte, 2022. p. 15-32.
- SANTOS, A. B. dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, Piseagrama, 2023.
- SANTOS, B. S. Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In: RAMALHO, M. I.; RIBEIRO, A. S. (org.). *Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos de identidade*. Porto: Afrontamento, 2002. p. 23-85.
- SOUZA, M. M. “Muito obrigada por isso, eu estava precisando deste encontro”: A cozinha e a culinária na encruzilhada metodológica de pesquisa com professoras negras brasileiras e mulheres cabo-verdianas com ênfase na circulação dos afetos. 2024. Tese (Doutorado em Educação e Ciências Sociais: Desigualdades e Diferenças) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.
- VIEIRA JUNIOR, I. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.
- ZAVALA, V. Quem está dizendo isso? Letramento acadêmico, identidade e poder na educação. In: VÓVIO, C.; SITO, L.; DE GRANDE, P. (org.). *Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 71-95.